

Navegantes do Solimões: a emergência de sinais Omágua-Kambeba à luz da análise de discurso crítica

Marcos Roberto dos Santos
Universidade do Estado do Amazonas, Brasil
<https://orcid.org/0000-0001-7011-0799>

Viviane Cristina Vieira
Universidade de Brasília, Brasil
<https://orcid.org/0000-0003-4148-5414>

Janaína de Aquino Ferraz
Universidade de Brasília, Brasil
<https://orcid.org/0000-0001-8911-5135>

ABSTRACT: Research on indigenous sign languages has grown significantly in Brazil in recent years, demonstrating the urgency of a reflexive and systematized scientific look at these people and for valuing their languages. In this context, this research aims to analyze the constitution of emerging signs of indigenous deaf people from the Omágua-Kambeba people of the municipality of São Paulo de Olivença, located in the Alto Solimões Mesoregion, in the Amazonas State, as well as the impact of these signs on practices discursive and social. For this, studies by Critical Discourse Analysis (ADC) theorists such as Fairclough (2004, 2016); Ferraz (2015), Magalhães, Martins and Resende (2017) will be used. Also sign language researchers such as Cuxac (1997); Quadros and Karnopp (2004); Fusellier-Souza (2003) among others. The theoretical-analytical framework is based on the ADC. It is noticed that these lexical items are constituted by an organized linguistic system, they also reveal themselves as practices that directly influence the social activities of these deaf people within communities.

KEYWORDS: Emerging signs; Indigenous deaf people; Omágua-Kambeba; Discourse

RESUMO: As pesquisas com línguas de sinais indígenas têm crescido significativamente no Brasil nos últimos anos, demonstrando a urgência de um olhar científico reflexivo e sistematizado para essas pessoas e para a valorização de suas línguas. Nesse contexto, essa pesquisa tem como objetivo analisar a constituição dos sinais emergentes de surdos indígenas do povo Omágua-Kambeba do município de São Paulo de Olivença, localizado na Mesorregião do Alto Solimões, no Estado do Amazonas, bem como o impacto desses sinais nas práticas discursivas e sociais. Para isso serão utilizados estudos de teóricos da Análise de Discurso Crítica (ADC) como Fairclough (2004, 2016); Ferraz (2015); Magalhães, Martins e Resende (2017). Também pesquisadores de línguas de sinais como Cuxac (1997), Quadros e Karnopp (2004); Fusellier-Souza (2003) entre outros. O referencial teórico-analítico é baseado na ADC. Percebe-se que esses itens lexicais são constituídos por um sistema linguístico organizado, também se revelam como práticas que influenciam diretamente nas atividades sociais desses surdos dentro das comunidades.

PALAVRAS-CHAVE: Sinais emergentes; Indígenas surdos; Omágua-Kambeba; Discurso

1. Iniciando a navegação

Navegar pelos diversos temas que permeiam as sociedades é de fundamental importância para o desenvolvimento delas, bem como um olhar mais humanizado que permite reflexões sobre os discursos e práticas sociais com a finalidade de transformação da realidade. Isso pode ser exemplificado com as pesquisas sobre línguas de sinais e educação de surdos que

nos últimos anos vêm crescendo significativamente e proporcionando melhores condições de acesso e inclusão social para a comunidade surda.

Nesse sentido, a presente pesquisa tem como enfoque os indígenas surdos do povo Omágua-Kambeba, de São Paulo de Olivença, município localizado ao sudoeste do Estado do Amazonas. A justificativa do título *navegantes do Solimões* está no fato de *Omágua* significar *povo da água* na língua materna da etnia, a qual, historicamente, dominava toda a região do Alto e Médio Solimões.

A escolha da temática pesquisada se deu pela experiência do pesquisador ao ministrar a disciplina de Língua Brasileira de Sinais (Libras) no curso de Pedagogia Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), ofertado pelo Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR).¹ Ao realizar um trabalho de campo com os acadêmicos, percebeu-se que no município havia indígenas surdos, de diferentes etnias, que desempenhavam diferentes papéis no ambiente familiar, da comunidade e até na cidade, porém não eram falantes da língua de sinais oficializada no Brasil, a Libras, nem da língua materna de seu povo, tão pouco da Língua Portuguesa.

A comunicação deles ocorre por meio de sinais criados, principalmente, no ambiente familiar. Esses sinais são conhecidos como *sinais caseiros* ou *sinais emergentes*. Com isso, surgem alguns questionamentos: a) qual é o papel dos sinais emergentes frente às práticas e relações sociais na comunidade? b) como esses sinais emergentes utilizados pelos surdos Omágua-Kambeba são constituídos?

Para responder a esses questionamentos, essa pesquisa objetiva analisar como os sinais emergentes produzidos por surdos Omágua-Kambeba são constituídos, bem como o impacto desses sinais nas relações sociais entre surdos e não-surdos. Para isso, foi realizada uma reflexão sobre os documentos oficiais que abordam as políticas para indígenas surdos; contextualização histórica e cultural do povo Omágua-Kambeba, e investigação dos aspectos ideológicos e discursivos que propiciam condições de produção dos sinais emergentes. É importante destacar que a escolha da tipologia *sinais emergentes* se deu pelo fato de que nessa fase da pesquisa, a análise ocorre em sinais que emergem no contexto familiar imediato, ou seja, ainda no âmbito da linguagem.

O referencial teórico-analítico da pesquisa está ancorado na Análise de Discurso Crítica (ADC), uma vez que essa teoria contribui significativamente para identificação de problemas que estão submersos em um rio de práticas sociais excludentes e que invisibilizam sujeitos, como é o caso dos indígenas surdos.

Portanto, trazer essa temática à margem do debate significa possibilitar meios para uma reflexão sobre o fenômeno diante das estruturas sociais para pensar possíveis soluções no banzeiro das práticas sociais e dos discursos. Para iniciar essa discussão, na próxima seção será realizada uma análise sobre as línguas de sinais e seus fundamentos linguísticos.

2. No banzeiro das línguas de sinais e seu caráter linguístico

A linguagem é o que possibilita a materialização dos discursos que direcionam as práticas sociais. Dessa forma, essa seção tem como finalidade realizar um panorama da língua de sinais e seus aspectos linguísticos.

Para iniciar o percurso é preciso discutir o conceito de língua. Saussure (2012) faz uma distinção entre *linguagem* e *língua*, essa não é objeto de estudo da Linguística, uma vez que é considerada como um fator individual e pertence a outros campos científicos. Já a língua,

¹ O PARFOR é um programa subsidiado pelo governo federal que tem como finalidade formar professores que atuam na rede pública de educação estadual, municipal ou do Distrito Federal. As formações são: primeira licenciatura para os professores que não possuem nível superior e segunda licenciatura para os professores que atuam em áreas distintas da sua formação inicial.

Saussure (2012: 41) afirma que ela “[...] é, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.” Para o linguista, a língua pertence a um todo da linguagem, porém é constituída de algo adquirido e por um sistema de regras convencionadas.

Fiorin (2003: 72) faz uma crítica a definição de língua apenas como um sistema de regras que tem como finalidade a expressão do pensamento, mas afirma que a linguagem humana “[...] é uma condensação de todas as experiências históricas de uma dada comunidade.” Nesse sentido, as línguas de sinais marcam e carregam essas experiências das comunidades surdas.

Elas são consideradas línguas porque se sustentam em pilares como: a) possuem *comunidades de fala*, as quais são compartilhadas por sujeitos que pertencem a uma cultura visual em todo o mundo, por isso são consideradas línguas de modalidade visual-espacial; b) *linguístico*, como citado anteriormente, são as línguas de sinais que carregam as experiências dos surdos ao longo da história, bem como possui um sistema de regras que é convencionado e não pode ser alterado, assim como qualquer outra língua, elas são constituídas de todo o estatuto linguístico necessário para serem consideradas como tal, como por exemplo, fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática, e c) *político*, as comunidades podem estabelecer as políticas linguísticas de acordo com suas necessidades. Em muitos países, essas línguas são oficializadas por meio de legislações.

No Brasil, a Língua Brasileira de Sinais é reconhecida por meio da Lei 10.436 de 24 de abril de 2002, a qual diz no Artigo 1º que “É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados” (Lei n. 10.436, 2002). Ao reconhecer a Libras como um meio legal de comunicação, o parágrafo único desse artigo a conceitua como:

Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (Lei nº. 10.436, 2002)

Com esse marco histórico para a comunidade surda do Brasil, a oficialização da sua língua, as práticas sociais e discursivas são afetadas diretamente. A partir desse documento, os surdos brasileiros passam a ser alvos de políticas públicas afirmativas e inclusivas, dando forma a uma nova conjectura social para essa comunidade, como, por exemplo, ampliação da acessibilidade linguística, direito a estudar em escolas e/ou classes bilíngues, obrigatoriedade de sua língua ser apoiada e difundida pelo Poder Público entre outras coisas.

Apesar de a legislação assegurar aos surdos brasileiros direitos, peculiaridades da cultura ainda necessitam ser observadas e atendidas suas particularidades, dado ao fato de ser a comunidade surda heterogênea. Há surdos que falam somente a Libras, há surdos bilíngues que falam Libras e Língua Portuguesa, há surdos oralizados, aqueles que são usuários apenas da língua oral e há surdos que não falam Libras e nem português. Este será o objeto de discussão na próxima seção, surdos que não falam Libras, nem português e nem a língua da etnia.

3. Explorando novos rios: os sinais emergentes'

Como já foi discutido anteriormente, a língua transporta as experiências culturais ao longo do rio da história. Assim, não se pode considerar a dissociação entre os seres humanos e a linguagem. Faraco (2003: 65) diz que:

A linguagem ou as práticas de linguagem nos precedem (o “nós” empírico) e, em certo sentido, elas nos sujeitam. Por outro lado, é nelas que nos constituímos. Nos constituímos como seres heterogêneos, seja porque a realidade da linguagem é heterogênea, seja porque nosso psiquismo, imerso nesse caldo de heterogeneidade, tem diferentes formas de produzir sentido; seja no plano consciente, seja no plano inconsciente.

De acordo com o autor, os seres humanos são constituídos de linguagem e vivem nela. É a linguagem responsável por concretizar sentidos, representar o mundo e determinar muitos aspectos da subjetividade humana. Fairclough (2004: 5) afirma que “[...] linguagem é uma parte irreduzível da vida social, dialeticamente interconectada com outros elementos da vida social [....].²”

Então, a linguagem determina práticas sociais e, nesse contexto, pode-se falar das pessoas surdas. As línguas sinalizadas são consideradas línguas naturais, Quadros e Karnopp (2004: 30) afirmam que por serem naturais “[...] compartilham uma série de características que lhes atribui caráter específico e as distingue dos demais sistemas de comunicação [....].” Essa distinção das línguas oralizadas acontece por causa da especificidade cultural das pessoas surdas, que interagem com o mundo de forma visual-espacial, enquanto os não-surdos de forma oral e auditiva.

Conforme citado anteriormente sobre a constituição heterogênea dos sujeitos em decorrência da linguagem, há pessoas surdas que não têm contato com as línguas de sinais oficiais e/ou faladas pela maioria, tão pouco são falantes da língua oralizada. Essa falta de contato com as línguas de sinais se dá por diversos fatores, como por questões geográficas, culturais e até mesmo de classe social. Por serem sujeitos de linguagem, esses surdos têm formas peculiares de comunicação. Strobel (2015: 52) diz que essas pessoas podem ser: “[...] sujeitos surdos de zonas rurais ou sujeitos surdos isolados de comunidades surdas, que procuram entender o mundo através dos experimentos visuais e procuram comunicar-se apontando e criando sinais, pois não têm conhecimento de sons e de palavras.”

Dessa forma, sendo pertencente a uma cultura que compreende o mundo visualmente, sua forma de representar também seguirá essa modalidade, assim, eles se comunicam por meio de sinais desenvolvidos, inicialmente no contexto familiar. Fusellier-Souza (2003: 51) corrobora a definição das línguas de sinais emergentes, explicando que elas são:

[...] criações gestuais estabelecidas por indivíduos surdos não fazendo parte de uma comunidade surda e vivendo integrados em ambiente ouvinte testemunha o fato de que seres humanos, sem acesso direto à um modelo linguístico, são capazes de construir, por eles próprios, um sistema de comunicação gestual linguisticamente organizado.³

Segundo a afirmativa supracitada, ainda que estes surdos não adquiram a língua oficial da comunidade surda e nem a língua oral, há a presença de um sistema de comunicação visual-espacial, baseado em suas experiências culturais, as quais utilizam estratégias como apontar, segurar, olhar ou tocar objetos, mímicas e até mesmo criando códigos visuais para determinados objetos, pessoas ou situações. Isso se dá pela presença da experiência perceptivo-prática dos participantes, ou seja, uma relação triangular entre a cultura visual destes surdos, a apreensão prática e a transposição para um sistema simbólico (Cuxac 1997).

Diante desse fenômeno, é possível refletir que os sinais emergentes utilizados pelos indígenas surdos Omágua-Kambeba de São Paulo de Olivença, dependendo da experiência

² Nossa tradução para: “[...] language is an irreducible part of social life, dialectically interconnected with other elements of social life [....]” (Fairclough 2004: 5).

³ Nossa tradução para: “[...] créations gestuelles mises en place par des individus sourds ne faisant pas partie d’une communauté sourde et vivant exclusivement en entourage entendant témoigne du fait que des êtres humains, privés d’un accès direct à un modèle linguistique établi, sont capables de construire, par eux-mêmes, un système de communication gestuel linguistiquement organisé (Fusellier-Souza 2003: 51).

sociolinguística deles, pode se tornar uma língua de sinais, pois como afirma Sacks (2010: 31) “[...] os surdos criam línguas de sinais onde quer que haja comunidades de surdos; para eles, esse é o modo de comunicação mais fácil e natural [...]”

Portanto, refletir sobre sinais emergentes de comunidades indígenas implica em uma análise micro e macrossocial que realiza a articulação discursiva entre o social e o linguístico. Tal discussão será mais detalhada a seguir.

4. Os indígenas surdos e a emergência de sinais: navegando pela análise de discurso crítica

A temática dos sinais emergentes e indígenas surdos pode receber o olhar analítico de diversos afluentes. Especificamente nesse trabalho, será utilizada a Análise de Discurso Crítica (ADC) como uma teoria que é capaz de revelar, descrever e explicar os variados discursos presentes nas práticas sociais.

A ADC foi fortemente impulsionada com as publicações de Fairclough em 1985 e 1989, as quais suscitaram várias discussões e reflexões sobre a teoria, inicialmente no Reino Unido. Magalhães; Martins e Resende (2017: 27) dizem que “[...] a ADC dedica-se à análise de textos, eventos e práticas sociais no contexto sócio-histórico, principalmente no âmbito das transformações sociais, propondo uma teoria e um método para o estudo do discurso.” Trata-se de uma teoria e um método que perpassa todos os campos do conhecimento, mas que possibilita um olhar linguístico para a análise de diversas questões sociais.

Fairclough (2016: 94) define sua concepção de discurso como “[...] o uso de linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais.” Nesse sentido, o discurso é concebido como um modo de ação, havendo possibilidade de agir sobre o mundo e sobre as pessoas, isso estabelece uma relação dialética em que o discurso molda e é moldado.

O discurso é, então, um momento das práticas sociais. Fairclough (2004: 19) diz que “[...] práticas sociais podem ser vistas como articulações de diferentes tipos de elementos sociais que estão associados a áreas particulares da vida social [...] elas articulam o discurso (portanto, a linguagem) junto com outros elementos sociais não discursivos.”⁴ Isso implica em uma indissociabilidade do discurso com as estruturas sociais, práticas sociais e eventos sociais.

As estruturas são sistemas mais amplos, como, por exemplo, classe social, estrutura econômica, sistema familiar e, até mesmo, sistemas mais abstratos como a linguagem. As práticas sociais são conexões de elementos sociais que, quando articulados com determinadas áreas da vida social, determina usos particulares da linguagem. Já os eventos são os gêneros que possibilitam o surgimento de práticas discursivas e variam conforme a esfera social em que são produzidos. O texto é parte constituinte dos eventos sociais e pode ter ou não caráter verbal, como por exemplo, um discurso político ou uma imagem (Fairclough 2004).

Dessa forma, a ADC se apresenta como uma teoria que pode contribuir para uma compreensão dos aspectos ideológicos e discursivos que, historicamente, silenciaram grupos minoritários, como é o caso dos surdos, dos povos indígenas e, principalmente, dos indígenas surdos. Estes são merecedores de uma análise mais detalhada sobre a utilização dos sinais emergentes e seu lugar nas relações sociais dentro do ambiente familiar e da comunidade, bem como a forma em que eles propiciam mudanças sociais.

⁴ Nossa tradução para: Social practices can be seen as articulations of different types of social element which are associated with particular areas of social life [...] they articulate discourse (hence language) together with other non-discoursal social elements. (Fairclough 2004: 19)

5. O Percurso da navegação: procedimentos metodológicos

A pesquisa e o rigor metodológico são aliados indispensáveis ao processo de planejamento, organização e obtenção de resultados. Assim, a pesquisa em ADC é de natureza qualitativa interpretativa. Magalhães; Martins e Resende (2017: 33) afirmam que é atribuído esse caráter para a pesquisa em ADC “[...] em virtude do foco na análise detalhada de textos e discursos.” Isso implica dizer que essa teoria estabelece uma ponte entre o texto discursivo e a crítica social.

Para melhor compreensão do conceito de texto em ADC, Vieira e Macedo (2018: 65) dizem que “[...] os textos são a unidade básica de comunicação e, portanto, a unidade mínima para a análise crítica. Eles são analisados em termos interpessoais – a interação entre as pessoas – e ideacionais – como as pessoas representam o mundo.” Dessa forma, os textos podem ser considerados como qualquer ato comunicativo que estabelece relações entre ações linguísticas e práticas sociais. Ferraz (2015: 377) corrobora que “[...] além de ações linguísticas, no ato comunicativo de um texto, as ações extralinguísticas também são de grande relevância para que o evento discursivo tenha sucesso.”

Com base nessa definição epistemológica, os textos utilizados para serem analisados nesse trabalho são constituídos por entrevista realizada por um grupo de acadêmicos do curso de Pedagogia Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), ofertado no município de São Paulo de Olivença, Amazonas, como requisito avaliativo da disciplina de Língua Brasileira de Sinais, ministrada pelo próprio autor.

Para a realização do gênero discursivo entrevista, os acadêmicos utilizaram câmeras filmadoras e cadernos de registro. Esse processo teve como finalidade detectar as atividades e práticas sociais desenvolvidas pelo/com os indígenas surdos, bem como a forma de registrar os sinais emergentes utilizados por eles. Para participar da pesquisa foi necessário seguir os seguintes critérios: ser surdo e indígena; não ser falante de Libras, de língua indígena e Língua Portuguesa; ser ouvinte e da família do participante surdo.

Para fins de análise nesse artigo, os participantes da pesquisa não foram nomeados, mas identificados como *Participante 1 (P1)*, *Participante 2 (P2)*, *Participante 3 (P3)* e *Participante 4 (P4)* como pode ser observado no quadro:

Quadro 1. Detalhamento dos participantes da pesquisa

Participante	Especificação	Etnia
P1	Surda	Omágua-Kambeba
P2	Mãe ouvinte	Omágua-Kambeba
P3	Irmã ouvinte	Omágua-Kambeba
P4	Irmã ouvinte	Omágua-Kambeba

Fonte: Elaboração própria (2021)

O referencial teórico-analítico está atracado na Análise de Discurso Crítica (ADC), pois conforme afirma Fairclough (2016: 95) “O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado.” Além disso, foi realizada uma análise linguística dos sinais emergentes produzidos pela participante surda.

Para uma melhor compreensão de toda a conjectura social que forma as práticas sociais e discursivas desses participantes, na próxima seção será realizada uma breve contextualização histórica, cultural e social do povo Omágua-Kambeba.

5.1 Povo da água: os Omágua-Kambeba do Alto Solimões

Como foi mencionado, essa seção abordará uma contextualização histórica e geográfica da etnia Omágua-Kambeba. Para iniciar, o nome *Omágua* significa *povo da água* na língua materna, Fermin Omágua (2020: 18) descreve que “Omágua (*Uawa*, que significa povo da água – o *U(y)* quer dizer ‘água’ e *awa* quer dizer ‘povo’ na língua materna).” A autora também diz que o nome “Kambeba” é um apelido atribuído pelos colonizadores e outros povos, por isso a utilização nesse trabalho do nome Omágua-Kambeba.

Fermin Omágua (2020: 22) ainda explica o motivo da atribuição desse nome ao povo Omágua-Kambeba:

Este nome foi atribuído ao grupo indígena Omágua pelo fato de terem o domínio das águas e também devido a esses indivíduos terem surgido principalmente deste líquido. Usou-se muito a expressão “encarnada” para a cor vermelha devido a crença dos Omágua de que a água quando entranhada no corpo da *Muyra Tanimbuka* (madeira) se purificou em sangue, dando vida ao índio Kambeba [...]

Assim, esse povo era conhecido por ter total domínio das águas, visto que habitavam toda a região do Médio Solimões, Alto Solimões e parte da Amazônia peruana. Os Omágua-Kambeba tiveram sua população reduzida e a diminuição do número de falantes da língua materna devido ao processo de colonização que sofreram com a chegada de portugueses e espanhóis à região. Apesar disso, é um povo que resiste e luta para a revitalização de sua língua e, conseqüentemente, para manter viva a sua cultura.

A pesquisa ocorreu no município de São Paulo de Olivença, pertencente à Microrregião do Alto Solimões, porta de entrada desse rio ao Brasil vindo do Peru. A cidade está ao sudoeste da capital amazonense, distante aproximadamente mil duzentos e trinta e cinco quilômetros dela.

Entre as diversas possibilidades para pesquisa com o povo da água, é muito importante realizar a articulação da linguagem em uso no percurso das práticas sociais e os indígenas surdos com os sinais emergentes, o que será analisado a seguir.

6. A confluência da ADC com os indígenas surdos: analisando as informações coletadas

Nesta seção será realizada a análise do *corpus*, a qual está dividida em duas partes: a) a interlocução entre as informações coletadas e a ADC e b) uma análise linguística dos sinais emergentes produzidos pelos participantes da pesquisa.

Vale ressaltar que, para fins de organização nesse trabalho, as transcrições realizadas do vídeo da entrevista analisadas no artigo serão chamadas de *Textos Discursivos (TD)*. Então, para dar início, será realizada a análise estrutural e interacional discursiva dos textos em questão.

6.1 Por uma análise estrutural e interacional do discurso

Como já foi mencionado, essa seção tem como finalidade realizar a análise estrutural e interacional do discurso. Tal processo é fundamental para mapear as relações entre o uso da linguagem e as relações sociais, uma vez que a ADC possui um olhar para essas relações como conectadas às questões de poder, dominação e resistência.

Assim, para iniciar é necessário realizar uma análise da estrutura social. Fairclough (2004: 18) diz que “As estruturas sociais são entidades muito abstratas. Pode-se pensar em uma estrutura social (como uma estrutura econômica, uma classe social ou sistema de parentesco, ou uma linguagem) como definindo um potencial, um conjunto de possibilidades.”⁵

Dessa forma, os textos analisados nesse trabalho necessitam levar em consideração algumas questões: a) os participantes são indígenas; b) pertencem ao povo Omágua-Kambeba, a qual ainda está em processo de luta e resistência para terem suas terras demarcadas e também para a revitalização de sua língua materna; c) o município de São Paulo de Olivença cresceu ao redor da maior comunidade Omágua, Santa Terezinha, inserindo esse povo no espaço urbano e, conseqüentemente, perdendo alguns direitos concedidos aos povos indígenas.

Diante desse cenário, encontram-se os surdos Omágua-Kambeba. Esses surdos possuem características que os diferem dos surdos urbanos, a principal delas é a sua forma de comunicação que é realizada por meio de sinais visuais estabelecidos dentro de um contexto específico para que a comunicação ocorra. Essas pessoas não são falantes da língua de sinais oficializada no Brasil e, pelo fato de experienciarem o mundo de maneira visual-espacial, também não são falantes de nenhuma língua oral. Isso ocorre por diversos fatores, como, por exemplo, a distância do município até cidades maiores e da capital amazonense, a inexistência de professores surdos, surdos fluentes em Libras, intérpretes de Libras no município e, principalmente, pelo contexto cultural indígena.

A carência de políticas públicas que podem influenciar diretamente na valorização dos sinais emergentes indígenas e incentivo de registros dessas línguas pode ser melhor analisada no Artigo 11, § 4º do Parecer do CNE/CEB 13/2012, o qual diz que:

Para que o direito à aprendizagem dos estudantes indígenas da Educação Especial seja assegurado, é necessário também que as instituições de pesquisa desenvolvam estudos com o objetivo de identificar e aprimorar a Língua Brasileira de Sinais ou outros sistemas de comunicação próprios utilizados entre pessoas surdas indígenas em suas respectivas comunidades. (Ministério da Educação 2012: 19)

De acordo com documento citado, os indígenas surdos possuem direito à educação especial e que as instituições de pesquisas devem identificar e aprimorar a Libras ou *outros sistemas de comunicação utilizados*. Há duas situações que merecem atenção sobre o uso da conjunção *OU*: a) seu valor semântico: essa conjunção pode significar várias opções, algo em detrimento de outro, substituição de uma coisa por outra etc. e b) sua construção sintática, *Língua Brasileira de Sinais ou outros sistemas de comunicação*: ao construir essa oração utilizando primeiramente a *Língua Brasileira de Sinais* e depois *outros sistemas de comunicação*, pode ocorrer uma intenção de enfatizar a Libras em detrimento das línguas de sinais indígenas. Isso no contexto da educação indígena, pode correr o risco da Libras se mostrar como um instrumento de poder e de colonização, desvalorizando os aspectos sociais e culturais das experiências visuais dos surdos na etnia.

Dessa forma, a ADC revela como o sentido é deslocado no mundo social para o funcionamento da ideologia. Esse *modus operandi* da ideologia pode ser analisado no uso da conjunção *OU* citada acima, que ocorre o processo de *reificação*. Thompson (2011: 87-88) diz que “A ideologia como reificação envolve, pois, a eliminação, ou a ofuscação, do caráter sócio-histórico dos fenômenos [...]” Essa eliminação também pode ocorrer por meio de processos gramaticais e sintáticos, que têm como objetivo, em situações específicas, estabelecer e sustentar relações de dominância. Tal funcionamento pode ser analisado tanto no discurso legal como nas práticas sociais da etnia como um todo.

⁵ Nossa tradução para: Social structures are very abstract entities. One can think of a social structure (such as an economic structure, a social class or kinship system, or a language) as defining a potential, a set of possibilities. (Fairclough 2004: 18)

Como na maioria dos casos e, especificamente nesse trabalho, os sinais emergentes são utilizados em contextos familiares. Os sinais utilizados por esses surdos se constituem como elementos de estruturas sociais mais abstratas, uma vez que o uso da linguagem define potenciais e possibilidades. Fairclough (2004: 19) diz ainda que “[...] a linguagem (e mais amplamente a ‘semiose’, incluindo, por exemplo, significação e comunicação por meio de imagens visuais) é um elemento do social em todos os níveis.”⁶ Logo, como um elemento social abstrato, os sinais emergentes também podem ser analisados a partir de práticas sociais e eventos sociais.

Assim, os textos analisados, a partir do evento entrevista, estão no âmbito das práticas sociais familiares. Nesse contexto, os sinais emergentes podem ser compreendidos como algo determinante para visibilidade dos surdos nessas práticas específicas, como pode ser observado na fala da P3:

TD1 – Aí ela chegou para mim (*sinal FRANGO* + *sinal IGREJA*). Aí eu falei assim: “Mamãe, o pastor vem almoçar?” O frango estava na geladeira descongelando (*risos*). Ela falou que queria (*sinal FRANGO*) que ela ia para (*sinal IGREJA*) quando chegasse o frango já estava descongelado (*risos*).

Na fala acima, percebe-se que os sinais emergentes fazem parte do cotidiano da família da participante surda, uma vez que ocorreu utilização de Língua Portuguesa e desses sinais na fala, o que é frequente durante a entrevista. Também é interessante evidenciar que não houve nenhuma vocalização quando as participantes interrompem a voz para realizar o sinal, isso demonstra uma consciência de modalidades linguísticas diferenciadas. Essa interação familiar também ocorre na fala da P4:

TD2 – Não, quando é mulher ela dá um risco (*sinal MULHER*), quando é homem, ela dá só um dedo (*sinal HOMEM*).

A P4 revela ter conhecimento dos sinais produzidos pela participante surda, pois explícita e demonstra visualmente como é o sinal realizado para indicar MULHER e o sinal que indica HOMEM, o que mostra a frequente interação entre surdos e não-surdos.

Também, os textos analisados pertencem à ordem do discurso familiar. Fairclough (2004: 19) diz que as ordens do discurso são elementos que “[...] selecionam certas possibilidades definidas pelas línguas e excluem outras - eles controlam a variabilidade linguística para áreas específicas da vida social.”⁷ Assim, a ordem do discurso pode ser compreendida como elementos que estão entre o discursivo e o não-discursivo e relaciona a linguagem a outros elementos sociais. Assim, os textos aqui analisados podem se relacionar com os elementos *gênero*, *discurso* e *estilo*.

O *gênero*, a forma de ação e interação, no contexto da pesquisa, está focado no ato de entrevistar, isso determina o que deve ser dito e como deve ser dito. A relação com o *discurso* é evidenciada nas formas de representações particulares dos sujeitos no texto, ou seja, a forma como cada um representa seu contexto, seu mundo, o que é evidenciado no texto analisado pelas escolhas lexicais, nos sinais produzidos pela participante surda e o porquê desses sinais terem determinadas formas e não outras, visto que são representações do mundo particulares dela. Esse elemento, nesse caso, se aproxima do *estilo*, pois esse determina os modos de ser, a identidade social e particular e a maneira como deve utilizar a linguagem. Nos textos

⁶ Nossa tradução para: Language (and more broadly 'semiosis', including for instance signification and communication through visual images) is an element of the social at all levels. (Fairclough 2004: 19)

⁷ Nossa tradução para: [...] select certain possibilities defined by languages and exclude others — they control linguistic variability for particular areas of social life. (Fairclough 2004: 19)

analisados, as participantes se apresentam como *animador*, Fairclough (2016: 111) diz que, no discurso, esse conceito está relacionado ao sujeito “[...] que realmente realiza os sons ou as marcas no papel.” Nas falas das participantes ouvintes há utilização frequente dos pronomes em primeira pessoa e expressões regionais que evidenciam o contexto sociocultural. Também é comum utilizarem língua oral e sinais emergentes na mesma sentença, porém não de maneira simultânea, isso ocorre devido ao contato frequente com a participante surda. Já a P1 revela sua identidade de surda e indígena a partir da criação e uso dos próprios sinais.

Além disso, pode-se verificar que essa ordem do discurso analisada está associada a outra ordem do discurso, a da concepção socioantropológica da surdez. Schubert (2015: 73) afirma que “[...] os sujeitos surdos possuem identidade surda, que pode apresentar-se de maneiras diferenciadas, pois a identidade está vinculada à linguagem.” Para essa concepção, os surdos são dotados de uma cultura diferenciada dos ouvintes e possuem as suas subjetividades construídas na/pela linguagem, derrubando o estigma e o conceito da deficiência para serem concebidos como diferentes.

Isso pode ser observado nas falas a seguir das participantes P2 e P3 respectivamente:

TD 3 – (P2) Ela sabe (*sinal COZINHAR*)! Ela faz ‘alho’ assim (*sinal ALHO*).

TD 4 – (P3) Ela chegou com peixe, cheiro-verde... tudo ela compra!

As falas das participantes revelam a diferença cultural e identitária da participante surda por meio da modalidade de uso da linguagem, que é sinalizada, bem como demonstram que esses sinais emergentes possuem agentividade no processo de autonomia não só no ambiente familiar, pois ela consegue não somente desempenhar tarefas na residência, como cozinhar, mas também na comunidade, como comprar peixe e cheiro-verde.

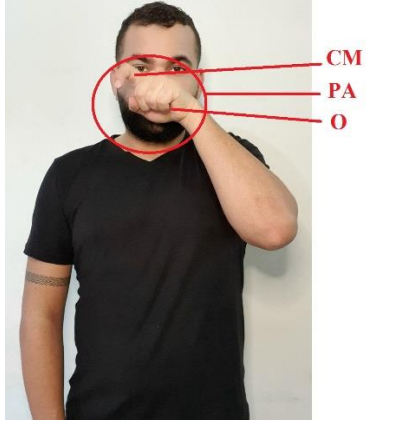
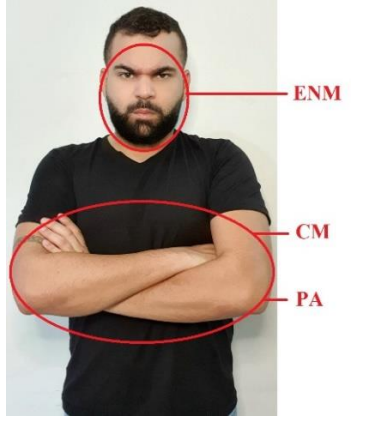
Assim, os sinais emergentes constituem e são constituídos no percurso do rio das práticas sociais e discursivas, causando a ruptura de práticas hegemônicas que historicamente são consideradas excludentes, sendo, então, agentes de mudança social. Nessa correnteza, alguns sinais emergentes registrados serão exemplificados e descritos na seção subsequente.

6.2 Um mergulho pelos sinais emergentes e sua constituição

Mergulhar também pode indicar explorar novas águas em busca de conhecimento. Assim, nessa seção será realizado um mergulho, ou seja, uma exploração para compreender a constituição dos sinais emergentes produzidos pela participante surda dessa pesquisa.

Como já mencionado, os sinais emergentes se caracterizam como forma de comunicação de surdos que ainda não adquiriram uma língua de sinais compartilhada pela comunidade surda e/ou oral e desenvolvem signos como forma de representar o mundo baseados em suas experiências visuais e espaciais. Ainda que esses sinais sejam utilizados em uma restrita e específica comunidade de fala, possuem uma importante função comunicativa e, também, um complexo sistema linguístico em sua composição, como pode ser observado no sinal de GALINHA e BRAVO:

Quadro 2. Sinal emergente para GALINHA e BRAVO

Sinal Emergente		
Língua Omágua-Kambeba	Yâmaun Atawariti	Awa-yumira
Língua Portuguesa	Galinha	Bravo

Fonte: Elaboração própria (2021)

Conforme demonstra o Quadro 2, os sinais criados pela participante para representar GALINHA e BRAVO são constituídos de menores unidades, sem significado e que quando são combinadas formam morfemas e podem até distinguir significados. Cuxac (1997: 154) diz que nas línguas sinalizadas, inicialmente, os sinais “[...]” são compostos por quatro parâmetros simultâneos: localização, configuração das mãos, orientação das mãos e movimento realizado. Cada elemento paramétrico que entra em sua composição pode ter sua contribuição específica para o sentido geral de unidade.”⁸

Os fonemas ou parâmetros das línguas sinalizadas são constituídos de parâmetros primários e secundários. Os parâmetros primários são: a) *Configuração das Mãos* (CM), são as várias formas das mãos durante a realização do sinal; b) *Ponto de Articulação* (PA), caracterizado como o local em que o sinal é feito, pode ser no corpo ou no espaço neutro e c) *Movimento* (M), é o movimento realizado pelos dedos, mão, punho ou braço. Já os parâmetros secundários são constituídos pelos: a) *Orientação* (O), é para onde a palma da mão aponta durante a realização do sinal, essa orientação pode ser para frente, para trás, para cima, para baixo, contralateral ou ipsilateral e b) *Expressões não-manuais* (ENM), são as expressões faciais e corporais realizadas juntamente com o sinal. As ENM podem indicar sentimentos, enfatizar e ainda podem ter funções morfológicas e sintáticas (Quadros e Karnopp 2004).

Assim, o sinal de GALINHA é formado pelos fonemas: CM (mão fechada, com o dedo indicador flexionado), PA (mão toca a boca) e O (palma da mão apontada para fora). Já o sinal de BRAVO é composto pelos fonemas: CM (mãos abertas), PA (braços se cruzam tocando o tórax) e ENM (expressão facial de bravo e um movimento do corpo para baixo).

Outro aspecto que merece ser apreciado nesse mergulho é a iconicidade dos sinais. Wilson e Martelotta (2013: 72) afirmam que “[...] a iconicidade do signo linguístico fundamenta-se na ideia de uma motivação que se reflete na estrutura das palavras, indicando uma espécie de relação natural entre os elementos linguísticos e os sentidos por eles expressos.” Dessa forma, a iconicidade nas línguas sinalizadas possuem estreita relação entre as

⁸ Nossa tradução para: Ils sont formés de quatre paramètres simultanés: emplacement, configuration des mains, orientation des mains, et mouvement effectué. Chaque élément paramétrique entrant dans leur composition peut apporter sa contribution spécifique au sens global de l'unité (Cuxac 1997: 154).

motivações visuais dos surdos e o signo linguístico. Isso pode ser observado nos seguintes sinais:

Quadro 3. Sinais emergentes para IGREJA, MENINA, MENINO e VER

Sinal Emergente				
Língua Omágua-Kambeba	Uka angara	Kuñataŋa	Kurumin	Seresa
Português	Igreja	Menina	Menino	Ver

Fonte: Elaboração própria (2021)

No quadro acima é demonstrado os sinais realizados pela participante para representar, respectivamente, os substantivos IGREJA, MENINA, MENINO e o verbo VER. O sinal que representa *igreja* feito com uma mão sobre a cabeça é a concretização de uma ordem do discurso religiosa cristã pentecostal, como observado na seção anterior, na **TD1**, em “*Mamãe, o pastor vem almoçar?*”. O item lexical *pastor* diz respeito a uma autoridade religiosa protestante, além disso, o aspecto semiótico de fazer orações com imposição de mãos na cabeça é muito comum nas cerimônias religiosas protestantes pentecostais e neopentecostais.

Os sinais que representam MENINA e MENINO possuem relação com as características das genitálias feminina e masculina. Já o verbo VER é realizado com o dedo indicador que toca a região do olho e se movimenta para frente, indicando a ação de ver. Cuxac (1997: 157) corrobora que “[...] todas essas observações para pensar que existem estabilizações conceituais protolinguísticas, categorizações de origem perceptivo-prática como um prelúdio para uma ancoragem linguística.”⁹ Isso implica dizer que a produção de sinais emergentes por surdos pode evidenciar a produção de substantivos ligados diretamente ao seu referencial, de maneira estabilizada, por causa da forte percepção dessas pessoas (seja, pela forma, tamanho, etc.). Também é possível refletir sobre a realização dos verbos, os quais possuem estreita relação semântica, devido à cultura visual dos surdos, como foi exemplificado com o sinal de VER realizado no espaço semântico da ação próximo ao olho.

Diante disso, por mais que esses sinais emergentes não sejam compartilhados por uma grande comunidade de surdos ou não componham o léxico de uma língua de sinais oficializada, são estruturas que apresentam complexidade e todo um sistema linguístico em sua composição.

⁹ Nossa tradução para: Toutes ces observations á penser qu'il y a des stabilisations conceptuelles protolinguistiques, des catégorisations d'origine perceptivo-pratique préjudant à un ancrage linguistique. (Cuxac 1997: 157).

Além disso, os sinais emergentes transportam os surdos indígenas à outra margem do rio, onde podem representar e serem agentes de transformações sociais.

7. Atracando a Canoa: concluindo a navegação

A Análise de Discurso Crítica se constitui como uma teoria que traz à margem da discussão as questões sociais de hegemonia, poder, dominação e de resistência, por meio da articulação entre linguagem e práticas sociais. No contexto da pesquisa, foi possível observar que, mesmo em um sistema de práticas que desvalorizam o indígena surdo em aspectos legais, educacionais e sociais em uma perspectiva nacional e local, as práticas sociais familiares analisadas se apresentaram como acolhedoras para esse membro da família que se difere dos ouvintes, como detectado na interação entre familiares surdos e não-surdos.

Essas ações interacionistas só são possíveis por meio dos sinais emergentes que valorizam a especificidade cultural do povo surdo, a comunicação visual e espacial. Esses sinais são constituintes/constituídos de discursos que moldam e são moldados pelas práticas sociais tanto dentro do ambiente familiar como de toda a comunidade Omágua-Kambeba que estão inseridos.

Analisar os aspectos estruturais e discursivos dos sinais emergentes é relevante para possibilitar visibilidade a seus falantes, pois ainda há necessidade de mais divulgações científicas no Brasil sobre esses sinais, bem como sobre os indígenas surdos. Tal reflexão demonstra importância na possibilidade de, futuramente, descrever e registrar uma língua de sinais Omágua-Kambeba dependendo da interação social entre os surdos da etnia, língua essa que pode se diferenciar integralmente da Língua Brasileira de Sinais.

Portanto, espera-se que essa navegação pelo encontro das águas dos sinais emergentes e surdos indígenas possa abrir caminhos para mais pesquisas nessa temática e contribuir para a valorização dos aspectos culturais e educacionais não só para os surdos Omágua-Kambeba, mas para a população indígena em geral.

Referências

- Cuxac, Christina (1997). Expressions des relations spatiales et spatialisation des relations sémantiques en Langue des Signes Française. In Catherine Fuchs; Stéphane Robert (eds.), *Diversité des langues et représentation cognitives*, pp. 150-164. Ophrys.
- Fairclough, Norman (2004). *Analyzing discourse*. Routledge.
- Fairclough, Norman (2016). *Discurso e poder* (2ª ed.). Editora Universidade de Brasília.
- Faraco, Carlos A. (2003) [sem título]. In Antonio. C. Xavier; Suzana Cortez (orgs.), *Conversas com linguistas: virtudes e controvérsias da linguística*, pp. 63-70. Parábola Editorial.
- Fermin Omágua, Eronilde de Souza (2020). *Memórias vivas do povo Omágua (Kambeba) de Aparia Grande do Solimões de São Paulo de Olivença - Mumuri kwe awa uawa kãnga pewa Aparia 'zaú Surimã tawa 'y* [E-book]. UEMA/PPGCSPA. <http://novacartografiasocial.com.br/>
- Ferraz, Janaína de Aquino (2015). A formação identitária do brasileiro: um enfoque multimodal. In Josênia. A. Vieira; André L. Bento (orgs.), *Discurso, identidade e gênero*, pp. 362-449. Editora Movimento.
- Fiorin, José Luiz (2003) [sem título]. In Antonio. C. Xavier; Suzana Cortez (orgs.), *Conversas com linguistas: virtudes e controvérsias da linguística*, pp. 71-76. Parábola Editorial.

- Fusellier-Souza, Ivani (2003). Processus cognitifs et linguistiques de la genèse des langues des signes: Emergence et développement des langues des signes primaires (LSP) pratiquées par des individus sourds sans contact avec une communauté sourde. *Ponto de Vista* (05): 51-80.
- Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002. (2002, 24 abril). Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Presidência da República.
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm
- Magalhães, Izabel; Martins, André. R.; Resende, Viviane de Melo (2017). *Análise de discurso crítica: um método de pesquisa qualitativa*. Editora Universidade de Brasília.
- Ministério da Educação [Brasil] (2012). *Parecer CNE/CEB 13/2012 – Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena*.
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10806-pceb013-12-pdf&category_slug=maio-2012-pdf&Itemid=30192
- Quadros, Ronice Müller de; Karnopp, Lodenir Becker (2004). *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Artmed.
- Sacks, Oliver (2010). *Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos*. Companhia das Letras.
- Saussure, Ferdinand de (2012). *Curso de linguística geral* (28ª ed.). Cultrix.
- Schubert, Silvana E. de Moraes (2015). *Entre a surdez e a língua: outros sujeitos, novas relações... desvelando sentidos e significados*. Editora Prismas.
- Strobel, Karin (2015). *As imagens do outro sobre a cultura surda*. (3ª ed. rev.). Editora da UFSC.
- Thompson, John B. (2011). *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa* (9ª ed.). Vozes.
- Vieira, Josênia A.; Macedo, Denise S. (2018) Conceitos-chave em análise de discurso crítica. In José R. L. Batista Júnior; Denise Tamaê B. Sato; Iran Ferreira de Melo (orgs.), *Análise de discurso crítica: para linguistas e não linguistas* pp. 48-77. Parábola.
- Wilson, Victoria; Martelotta, Mário E. (2013). Arbitrariedade e iconicidade. In Mário E. Martelotta (org.), *Manual de linguística* (2ª ed.), pp. 71-85. Contexto.

DECLARAÇÃO DE CONFLITOS DE INTERESSE

Nós, Marcos Roberto dos Santos; Viviane Cristina Vieira; Janaína de Aquino Ferraz, autores do manuscrito intitulado “Navegantes do Solimões: a emergência de sinais Omágua-Kambeba à luz da Análise de Discurso Crítica” declaramos que *NÃO* possuímos conflito de interesse de ordem:

- (X) financeiro no manuscrito,
- (X) comercial,
- (X) político,
- (X) acadêmico e,
- (X) pessoal,

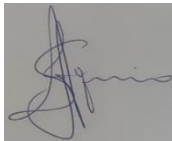
Declaramos também que não houve apoio financeiro e/ou material recebido para o desenvolvimento deste trabalho. As relações de qualquer tipo que possam levar a conflito de interesse estão completamente manifestadas abaixo.

Manaus – AM, 29 de junho de 2022

Autores:


Marcos Roberto dos Santos


Viviane Cristina Vieira



Janaína de Aquino Ferraz

CONTRIBUIÇÃO DE CADA AUTOR NA ELABORAÇÃO DO ARTIGO:

- a) Autor 1: Recorte de sua tese de doutorado, apoio desde o planejamento da pesquisa, geração de dados e produção do artigo.
- b) Autor 2: professora da disciplina de Análise de Discurso 1, apoiou e orientou o planejamento dos estudos teóricos e a análise dos dados.
- c) Autor 3: Orientadora da pesquisa em nível de doutoramento, apoiou na geração dos dados, auxílio na organização do trabalho e revisão ortográfica.

Recebido: 28/1/2022

Versão revista 1: 5/5/2022

Versão revista 2: 7/7/2022

Aceito: 8/7/2022

Publicado 13/7/2022